

ADESÃO E RESISTÊNCIA A TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS NA FICÇÃO DE 1920

Milena Ribeiro Martins*

 <https://orcid.org/0000-0003-1453-4532>

Como citar este artigo: MARTINS, M. R. Adesão e resistência a transformações sociais na ficção de 1920. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 1-8, jan./abr. 2023. DOI 10.5935/1980-6914/eLETDO15524

Submissão: julho de 2022. **Aceite:** fevereiro de 2023.

Resumo: A representação da modernização brasileira é central na literatura do início do século XX. Algumas obras representam a adesão a aspectos desse processo. Outras, a resistência à modernização, com personagens que são destruídos pelas novidades às quais não aderem. Neste artigo, discutiremos tal dicotomia analisando efeitos da modernização e da inadaptação a ela nos contos “O jardineiro Timóteo”, de Monteiro Lobato, e “Melancolia”, de Dyonélio Machado.

Palavras-chave: Monteiro Lobato. Dyonélio Machado. Modernismo. Modernização. Marginalidade.

■ **A** representação do processo de modernização da sociedade brasileira do início do século XX é central em uma variedade de obras literárias, ambientadas em centros urbanos ou em pacatas zonas rurais. Em algumas delas, observa-se a adesão linguística ou estrutural a aspectos desse processo, por exemplo, quando a ficção emula ritmos e técnicas de equipamentos

* Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil. E-mail: milenamartins@ufpr.br

modernos, ou quando representa tematicamente o deslumbramento de personagens diante de máquinas que passavam a fazer parte do cotidiano das pessoas. O deslumbramento e a adesão são bem analisados em *Cinematógrafo de letras*, em que Flora Süssekind (2006, p. 45) observa, por exemplo, o encantamento de João do Rio com “artefatos e técnicas modernos” e, como consequência, “um certo esmaecimento da figura do narrador”, associado a uma estrutura narrativa fragmentada.

Outras obras, algumas pouco badaladas pela crítica, parecem representar fenômenos de resistência à modernização, por meio de personagens que são dragados e destruídos pelas novidades. É comum que a escolha de um tipo ou outro de representação (o elogio festivo ou a crítica melancólica) conduza a uma caracterização dos escritores como mais modernos e menos modernos, direcionando ainda a uma oposição entre inovadores e conservadores, como se os traços distintivos fossem inequívocos, e como se não houvesse trânsito, na obra de um mesmo autor, entre modos distintos de representação.

Partindo desta provocação – de que a crítica ao processo de modernização não significa aversão à modernidade, mas decorre da análise de consequências individuais e sociais do processo de modernização, análise que recusa o elogio fácil da tecnologia e da novidade a qualquer custo –, discutiremos a seguir a marginalização e a melancolia como efeitos do processo de modernização em contos de Monteiro Lobato e Dyonélio Machado: respectivamente, “O jardineiro Timóteo” e “Melancolia”, publicados em *Negrinha* (1920) e *Um pobre homem* (1927). Aproxima tais contos, também, a função dos protagonistas das duas narrativas: Timóteo e Ângelo são jardineiros.

Timóteo é o jardineiro de uma fazenda à qual ele chegou como escravizado, comprado em Angola. O local, que já fora novinho em folha, depois de quatro décadas adquire aspecto de antiguidade, e o homem continua lá, na mesma função, embora sob outro regime. Os tempos mudam e ele permanece, sem mudança significativa de *status*, mesmo depois da abolição da escravatura – sua permanência talvez seja um sintoma de que os tempos não haviam mudado tanto assim. A mudança determinante para o personagem, aquela que provoca sua morte, acontece quando a fazenda é vendida, e os novos proprietários lhe dão a ordem de substituir as flores antigas por outras modernas: Timóteo se recusa a obedecer. As flores modernas eram objeto de desejo do filho do fazendeiro, entusiasmado por uma visita à cidade grande:

Certa vez falou-se na reforma do jardim.

– Precisamos mudar isto – lembrou o moço de volta dum passeio a São Paulo.
– Há tantas flores modernas, lindas, enormes, e nós toda a vida com estas cinerárias, estas esporinhas, estas flores caipiras... Vi lá crisândalias magníficas, crisântemos deste tamanho e uma rosa nova, branca, tão grande que até parece flor artificial (LOBATO, 1948, p. 48).

A artificialidade das flores que ele vira na cidade grande é elogiada; afinal, trata-se de uma novidade, em oposição àquilo que é tradicional, àquilo que se vê “toda a vida”. Timóteo, por sua vez, não despreza o jardim tradicional, cultivado por ele, porque reconhece a integração do jardim com a natureza local (abelhas e cuítelos voam em torno das flores antigas, não das novas) e também porque o local tem, para ele, outros significados, ignorados pelos moradores da casa.

Analfabeto, Timóteo usa a linguagem das flores para se comunicar, mas não é compreendido pelos proprietários e pelos funcionários da fazenda:

Timóteo compunha os anais vivos da família, anotando nos canteiros, um por um, todos os fatos d'algumas significações. Depois, exagerando, fez do jardim um canhenho de notas, o verdadeiro diário da fazenda. Registrava tudo. Incidentes corriqueiros, pequenas rusgas de cozinha, um lembrete azedo dos patrões, um namoro de mucama, um hóspede, uma geada mais forte, um cavalo de estimação que morria – tudo memorava ele com hieróglifos vegetais em seu jardim maravilhoso.

[...]

Timóteo era feliz. Raras criaturas realizam na vida mais formoso delírio de poeta. Sem família, criara uma família de flores; pobre, vivia ao pé de um tesouro. Era feliz, sim. Trabalhava por amor, conversando com a terra e as plantas – embora a copa e a cozinha implicassem com aquilo.

– Que tanto resmungo o Timóteo! Fica ali mamparreando horas, a cochichar, a rir, como se estivesse no meio duma criançada!...

É que na sua imaginação as flores se transfiguravam em seus seres vivos. Tinham cara, olhos, ouvidos... O jasmim-do-cabo, pois não é que lhe dava a bênção todas as manhãs? Mal Timóteo aparecia, murmurando “A bênção, Sinhô” e já o velho encarnado na planta respondia com voz alegre: “Deus te abençoe, Timóteo”.

Contar isso aos outros? Nunca! “Está louco”, haviam de dizer. Mas bem que as plantinhas falavam... (LOBATO, 1948, p. 44 e 46).

Segundo o narrador onisciente, ninguém percebe a poesia do jardineiro, seu modo de conservar e interpretar a pequena sociedade da qual ele faz parte, registrando-lhe o passado e o presente. Ninguém percebe sua linguagem, todos ignoram sua habilidade e sua criação. São ignorantes e insensíveis à sua poesia os patrões e as mucamas, a casa grande e a cozinha. Não obstante, a narrativa funciona como intermediária entre o preto velho e sábio e os leitores, em cuja sensibilidade o escritor confia.

Dito de outro modo:

[...] o narrador promove a ampliação do alcance da significação do seu trabalho (de jardineiro e poeta) e, portanto, da sua concepção peculiar de mundo. O narrador torna possível, então, que a poesia de Timóteo seja conhecida e sentida por um público leitor que, como ele, também não se identifica com Timóteo e, além disso, também é analfabeto na compreensão da linguagem das flores – um público urbano, ou que, sendo de origem rural, no mínimo teve suficiente contato com cidades por meio das quais franqueou seu acesso à educação e a livros. Parte significativa desse público formava nossa elite econômica e intelectual, predominantemente branca – ou, mais provavelmente, mestiça desejosa de se ver como branca. Assim, por meio de uma narrativa sensível e delicada, sem grandes movimentos, o narrador convida leitores (como ele diferentes de Timóteo) a enxergarem um ex-escravo, um agregado rural convertido num pária, um personagem representativo de um universo em vias de extinção (MARTINS, 2013, p. 170).

As mudanças trazidas à fazenda pela modernização evidenciam um processo superficial, de importação, sem densidade cultural, descosido da realidade local:

uma imitação do que se fazia em São Paulo, que por sua vez imitava o que se fazia na Europa. Para quem conhece a obra de Lobato, aqui fica clara a reiteração da crítica à importação de valores culturais estrangeiros, revelando ignorância da cultura local.

Nessa leitura, Timóteo é o representante da cultura local, enraizado à natureza e às tradições do mundo rural; paradoxalmente, ele não revela senso crítico com relação à escravidão e à dependência na qual vive desde o fim da escravidão. O conto permite perceber essa contradição, talvez como uma nota dissonante à crítica feita às mudanças em curso: a manutenção da ordem é elogiada por Timóteo, enquanto a narrativa evidencia a submissão do ex-escravizado ao sistema antigo e a sua marginalidade no tempo presente da narrativa.

As transformações aparentemente sutis testemunhadas por Timóteo, às quais ele tenta resistir, provocam primeiro seu isolamento, depois sua morte. Sem poder político ou econômico, ele está alijado de qualquer decisão e se recusa a se adaptar ao novo.

Talvez valha a pena, antes de seguir adiante, explorarmos um conceito de modernidade e, a partir dele, pensarmos no processo vivido por Timóteo. Segundo o filósofo norte-americano Marshal Berman (2007, p. 24),

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar”.

No contexto nacional, marcado por desigualdades sociais brutais, especialmente para figuras marginalizadas como Timóteo, a anunciada promessa de aventura, poder, alegria e crescimento não existe. Para outros, por exemplo, para trabalhadores urbanos pobres, a promessa também soa como vazia. A ameaça da destruição parece evidente para esses grupos de trabalhadores, em tudo dependentes de estruturas organizadas, nas quais eles pudessem exercer alguma função. Timóteo exercia uma função; ao se recusar a atender a uma ordem, perde sua função e, com ela, sua vida. Creio que a modernidade brasileira não tenha prometido, em nenhum momento, a união da espécie humana, uma vez que os fossos sociais eram (e são) tão brutais. Não houve, aqui, a anulação de fronteiras raciais e de classe. Terá havido em outro lugar?

Não recuso o conceito de Berman, porque percebo nele a modernidade como “promessa” de felicidade e plenitude; mas observo, na análise do conto, o desaparecimento de um indivíduo (representante de um grupo social) e, com ele, de um conhecimento empírico e simbólico que nem sequer foi explorado por aqueles que aderiram às promessas da modernidade e transplantaram seus valores e seus artefatos para um ambiente que lhes era estranho.

Essa modernidade importada e superficial não produz mudanças estruturais; ela marginaliza e segrega grupos e suas culturas, sem que eles tivessem sido sequer compreendidos pelos outros. Prevaleceu em parcela das elites brasi-

leiras “o sentimento de vergonha, desprezo e ojeriza em relação ao passado, aos grupos sociais e rituais da cultura que evocassem hábitos de um tempo que se julgava para sempre e felizmente superado” (SEVCENKO, 1998, p. 27-28).

Coube às artes e à literatura certo grau de reação a esse desconhecimento, provocando alguma aproximação, alguma exploração das culturas locais, traduzindo-as a leitores que talvez as ignorassem. Nesse sentido, a representação crítica do processo de modernização e das subjetividades por ele ameaçadas funciona como resistência não às máquinas e às técnicas da modernização, mas ao apagamento de culturas que não haviam sido reconhecidas como parte integrante da nação.

Não por acaso, vicejaram no modernismo brasileiro releituras da história do Brasil, reinterpretando-a, por meio da reedição de livros de viagens – de que são exemplos *Meu cativo entre os selvagens do Brasil* (1925), de Hans Staden, e *História de uma viagem à terra do Brasil* (1926), de Jean de Léry –, por meio da interpretação paródica de crônicas de viajantes – em *Poesia Pau-Brasil* (1925), de Oswald de Andrade –, ou ainda da releitura também paródica de mitos e lendas nacionais, como no conto “Marabá” (1923), de Monteiro Lobato, e na rapsódia *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade. Essas obras evidenciam um ímpeto de autoconhecimento, um esforço (como projeto literário e editorial) de redescobrir o Brasil que a modernidade talvez viesse a destruir, a desintegrar, a “desmanchar no ar”.

O jardineiro de Dyonélio Machado (1995, p. 52), que sintomaticamente se chama Ângelo, também é um sujeito submetido a deslocamentos forçados por uma situação atroz de pobreza. Seu pai, “um pobre homem”, roubara na tentativa de satisfazer às necessidades vitais da família – um prenúncio do romance *Os ratos?* – e por conta disso sofrera humilhação pública, o que forçou a sua mudança ou fuga. Esse acontecimento marcaria a família para sempre:

E todos comungavam num mesmo e estranho sentimento – de tristeza, de resignação, de piedade, de martírio.

Não poderiam, porém, ficar ali: pela fome e pela vergonha.

Foi assim que Ângelo começou a sua peregrinação, que acabaria, um dia, como acabou, de fato, por trazê-lo, já rapazote, à cidade fumarenta das altas chaminés (MACHADO, 1995, p. 52).

O conto não é linear; é num *flashback* que o narrador explica a origem da melancolia de Ângelo e a razão de sua solidão, estabelecendo vínculos de causalidade que não estão claros para o personagem. Criando um personagem que não tem consciência das razões de sua tristeza, o narrador sugere que algumas explicações para os estados de alma individuais são anteriores ao indivíduo e derivam da sua origem, não como determinismo biológico, mas como condicionante social. O texto não é claro, mas o interpreto dessa maneira pela organização dos eventos na parte III do conto e por trechos como este:

A tristeza de Ângelo era uma tristeza sem motivo.

Denomina-se habitualmente assim um estado aflitivo, acabrunhante, de melancolia geral, cuja causa reside na própria vida. É exato que ela não tem motivo certo e imediato – tristeza sem motivo... – Embora tudo lhe sejam motivos, e em cada coisa que existe se esteja a ver uma fonte de tristeza universal (MACHADO, 1995, p. 51-52).

Esse homem acabrunhado, historicamente humilhado, vem a se tornar jardineiro de uma propriedade que, no início, fora uma chácara ampla e farta, e que progressivamente se convertera em um pequeno jardim “apertado entre prédios altos”, “encravado no centro de uma cidade comercial”, “exíguo e mesquinho, fechado, como dentro do seu pudor, no meio daqueles prédios altos e indiferentes” (MACHADO, 1995, p. 50). O processo agônico de redução do jardim a proporções diminutas é consequência da compra da propriedade por um estrangeiro, de ar diabólico, que seduz os proprietários com a promessa de “rios de dinheiro”. Ângelo não compreende bem tal promessa e assiste, oprimido, à destruição da chácara, dirigida pelo estrangeiro, por seu empreiteiro e por operários, equipados com “trator, ferramentas, escalas, aparelhos e uma trena” (MACHADO, 1995, p. 51). Em seguida, o narrador apresenta não uma construção para a qual tais instrumentos fossem úteis, mas uma destruição:

As árvores foram arrancadas – vivas! num sofrimento silencioso que metia pena. O chão foi todo arrasado, aplainado, igualado. A propriedade perdeu a sua fisionomia. Tornou-se neutra, primitiva, como que inexistente. E, depois disso tudo, foi demarcada (MACHADO, 1995, p. 51).

O saber técnico sugerido pelas palavras “empreiteiros”, “operários”, “engenheiro”, “trator”, “ferramentas”, “escalas”, “aparelhos” e “trena” está a serviço da modernização daquela região, mas essa modernização é antes destruidora do que construtora. O espaço físico ocupado por Ângelo vai aos poucos sendo reduzido, bem como seu estado de ânimo, que se torna “opresso”, quando ele percebe que “uma qualquer coisa de muito triste estava por suceder” (MACHADO, 1995, p. 50).

Nas imediações desse jardim diminuto, onde ele trabalha, há uma estação ferroviária que é fonte de fascinação para o personagem. Três das cinco partes do conto são dedicadas a essa estação. Descrita aos pedaços, com detalhes e de modo ora metafórico, ora funcional, a estação ferroviária desperta no jardineiro um fascínio sem igual. Ângelo é um observador externo, alheio ao funcionamento da máquina, que ele não compreende: o guarda da estação lhe demanda cuidado, enquanto ele contempla a locomotiva. Observem-se as palavras usadas pelo narrador neste trecho:

Assim que se viu só de novo, Ângelo abismou-se na contemplação muda do seu espetáculo favorito.

À sua frente, cursando o quadro em toda a sua extensão, a locomotiva grande, iluminada, chiante, fazia a “manobra”. [...] Ângelo seguia essa tarefa com muita atenção e amor, para procurar tirar dela ensinamentos (MACHADO, 1995, p. 48).

As emoções do personagem contrastam com a aparente frieza e objetividade das relações entre os funcionários e a máquina. Tamanho é o fascínio de Ângelo pelo equipamento, que se identifica com ela, tomando para si um comentário feito pelo guarda-freio: de que a máquina, por suas dimensões, era “imprópria para o lugar”, e de que ela, no “dia que sair daqui, é para nunca mais voltar” (MACHADO, 1995, p. 54). Tomando para si a fala do funcionário, o personagem deixa a cidade para nunca mais voltar, no mesmo dia em que a manobreira deixa a cidade, passando a fazer a função da locomotiva.

Quanto a esse desfecho, importa destacar a interpretação dada pelo narrador para a motivação de Ângelo. “Ele era como a máquina”, explica sucintamente o

narrador, traduzindo em palavras a descoberta feita pelo personagem. Em seguida, o narrador interpreta sua decisão, atribuindo-lhe um sentido que não estava claro para ele:

Tudo tem vida e a vida é uma só, em tudo. Tudo são apenas modalidades de uma só energia, atômica, radiativa, actínica, magnética, os nomes pouco importam. Somos todos irmãos em deus-natureza. E não há pois motivo de deixar de obedecer às imposições duma pedra ou duma máquina, quando, nas mesmas circunstâncias, ninguém se recusaria a seguir os ditames de um oráculo ou de um deus, porque sempre, em qualquer dos casos, o que sempre faríamos seria simplesmente obedecer, embora isto pareça incrível, o nosso próprio sentir... (MACHADO, 1995, p. 55).

O conto é bastante complexo e merece análises que lhe desvendem outros sentidos. Por ora, interessa-nos observar que esse desfecho filosofante dá razão à percepção do ingênuo personagem, em sua identificação com a máquina, para em seguida relativizá-la, ao concluir que a motivação para sua saída da cidade não era derivada da identificação com a máquina (se fosse, ela lhe teria guiado o destino), mas do próprio desejo, do “próprio sentir”. Se essa compreensão faz sentido, o mesmo vale para a religião: ao seguir os ditames de uma religião, o ser humano segue o “próprio sentir”. Máquina e religião equivalem-se, de acordo com esse raciocínio. E isso não é pouco.

Retomando o conto como um todo, sem negar seu aspecto fragmentado, observa-se que, de início, as transformações urbanas acentuaram a opressão do sujeito triste, cujo destino fora marcado por um passado e uma situação social sobre a qual ele não tinha qualquer controle. No fascínio pela locomotiva, igualmente produto e símbolo de modernidade, Ângelo encontra motivação para sair da sua opressão, sem que o texto permita desvendar se essa saída, essa fuga o levaria a um destino de menor opressão e melancolia. Os elementos da transformação modernizadora da sociedade, inicialmente externos ao sujeito, são internalizados por ele, como decorrência do fascínio exercido pelas máquinas e da percepção, nelas, de uma promessa de amplidão e novidade.

Um jardineiro resiste à modernização. O outro se resigna, diminuindo-se, oprimindo-se, até que decide partir. O significado final poderia ser promissor, mas há algumas metáforas na frase final que merecem atenção: “A ‘porta’, meus amiguinhos, aquela garganta impassível que se abria para o mundo, tragara-o para todo o sempre...” – conclui o narrador (MACHADO, 1995, p. 56). A “porta”, caminho de saída da cidade, é ao mesmo tempo “garganta” que o engole de modo irreversível. Parecem ser metáforas de destruição, não de inclusão, nem sugestivas de algum grau de felicidade. Antes melancólico, depois oprimido, por fim tragado/devorado por uma estrada que se abre para o mundo.

Num e noutro autor, guardadas as diferenças, a opção é pela representação de indivíduos enfraquecidos pelo seu isolamento, indivíduos cujas funções sociais se tornam progressivamente desnecessárias. E eles, sujeitos isolados, apenados, incompreendidos, parecem ambos destruídos por seu entorno.

A opção dos dois contos é pela melancolia, não pela euforia; em ambos, representam-se sujeitos que “sofrem” o processo de modernização, caracterizado como desigual e excludente. A representação de personagens como funções sociais faz perceber seu isolamento e a redução de sua humanidade, em favor de uma mudança social que parece mágica, mas que não lhes serve, porque não os abarca.

ADHERENCE AND RESISTANCE TO SOCIAL TRANSFORMATION IN 1920'S FICTION

Abstract: The representation of Brazilian modernization is central in the literature of the early 20th century. Some works represent adherence to aspects of this process. Others, the resistance to it, with characters that are destroyed by the novelties to which they do not adhere. In this text, I will discuss this dichotomy by analyzing the effects of modernization and the inadaptation to it in the short stories “O jardineiro Timóteo”, by Monteiro Lobato, and “Melancolia”, by Dyonélio Machado.

Keywords: Monteiro Lobato. Dyonélio Machado. Modernism. Modernization. Marginality.

REFERÊNCIAS

BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LOBATO, M. O jardineiro Timóteo. In: LOBATO, M. *Negrinha: obras completas de Monteiro Lobato*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1948. p. 41-52.

MACHADO, D. Melancolia. In: MACHADO, D. *Um pobre homem*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995. p. 47-56.

MARTINS, M. R. Lobato de olho na modernidade brasileira. In: AUGUSTI, V.; BUENO, L.; SALES, G. *A tradição literária brasileira: entre a periferia e o centro*. Chapecó: Argos, 2013. p. 157-182.

SEVCENKO, N. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, N. (org.) *História da vida privada no Brasil, República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 7-48.

SÜSSEKIND, F. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.